

Estagnação intelectual

Texto em português · [Ler no site](#)

Resumo

Originalmente publicado como: "**In Intellectual Neutral**". Texto disponível na íntegra em: [/in-intellectual-neutral](#).

Há alguns anos, dois livros causaram um enorme espanto na comunidade acadêmica norte-americana. O primeiro deles, *Cultural Literacy: What Every American Needs to Know* [Alfabetização Cultural: o que todo americano precisa saber], escrito por E. D. Hirsch, documentou o fato de que boa parte dos estudantes universitários norte-americanos não tem o conhecimento básico necessário para compreender sequer a primeira página de um jornal, ou para agir responsavelmente como cidadãos. Por exemplo, em uma recente pesquisa, um quarto dos estudantes pensava que Franklin D. Roosevelt era presidente dos Estados Unidos durante a guerra do Vietnã. Dois terços não sabiam quando havia ocorrido a guerra civil. Um terço pensava que Colombo descobrira o Novo Mundo algum tempo depois de 1750. Numa recente pesquisa da Universidade Estadual da Califórnia, em Fullerton, mais da metade dos estudantes não foi capaz de identificar Chaucer ou Dante. Noventa por cento não sabiam quem era Alexander Hamilton, a despeito do fato de sua foto estar em toda nota de dez dólares.

Essas estatísticas seriam piadas divertidas se não fossem tão alarmantes. O que tem acontecido com nossas escolas que têm formado pessoas tão assustadoramente ignorantes? Allan Bloom, que foi um eminente educador na Universidade de Chicago, e autor do segundo livro ao qual me referi acima, argumentou em *The Closing of the American Mind* [O declínio da cultura ocidental: da crise da universidade à crise da sociedade] que por detrás desse mal-estar educacional subjaz a convicção universal dos estudantes de que toda verdade é relativa e que, portanto, a verdade não é digna de ser buscada. Bloom escreve:

Há uma coisa de que um professor pode estar absolutamente certo: quase todos os estudantes que entram na universidade acreditam, ou dizem acreditar, que a verdade é relativa. Se essa crença for questionada, pode-se esperar a seguinte reação dos estudantes: eles não entenderão. Qualquer pessoa que considere que uma proposição não é autoevidente provoca-lhes admiração, é como se fosse admirável colocar em questão o fato de que $2+4=4$. Estas são coisas sobre as quais você não pensa (...) O fato de os estudantes verem tal questão como algo de ordem moral é claramente visto no caráter da resposta deles quando desafiados — uma combinação de descrença e de indignação: “Você é um absolutista?”, a única alternativa que eles conhecem, emitida no mesmo tom como... “Você realmente acredita em bruxas?”. Essa pergunta produz indignação, pois alguém que acredita em bruxas pode muito bem ser um caçador de bruxas ou um juiz de Salém. O perigo do absolutismo, que eles foram ensinados a temer, não é o erro, mas a intolerância. O relativismo é necessário para a abertura; e essa é a virtude, a única virtude, que toda educação fundamental, por mais de cinquenta anos, tem se dedicado a inculcar. “Abertura” — e o relativismo que a transforma em única posição possível diante das várias reivindicações de verdade e dos vários estilos de vida e dos vários tipos de seres humanos — é a palavra de ordem que expressa o grande *insight* de nossos tempos. (...) O estudo da história e da cultura nos ensina que todo o mundo foi insensato no passado; os homens sempre pensaram que estavam certos, e isso os conduziu a guerras,

perseguições, escravidão, xenofobia, racismo e machismo. A questão não é corrigir os erros e realmente estar certo; mas, sim, não pensar que você, afinal de contas, está certo. [1]

Uma vez que não há nenhuma verdade absoluta, uma vez que tudo é relativo, o propósito da educação não é ensinar a verdade ou conhecer os fatos — pelo contrário, trata-se apenas de adquirir a habilidade necessária para enriquecer, conseguir poder e fama. A verdade se tornou irrelevante.

Ora, é natural que esse tipo de atitude relativista quanto à verdade seja antitética à cosmovisão cristã. Afinal, como cristãos, cremos que toda verdade é verdade de Deus, que Deus nos revelou a verdade, tanto na Palavra como naquele que disse: “Eu sou a Verdade”. O cristão, portanto, jamais pode olhar para a verdade com apatia ou desdém. Pelo contrário, ele preza e valoriza a verdade como reflexo do próprio Deus. Por outro lado, como concluíram erroneamente os estudantes de Bloom, o compromisso com a verdade torna o cristão um intolerante; no entanto, o real conceito de tolerância requer que uma pessoa não concorde com aquilo que ela tolera. O cristão está comprometido tanto com a verdade como com a tolerância, porque acredita naquele que não somente disse “Eu sou a verdade”, como também declarou “amai os vossos inimigos”.

Na época em que esses referidos livros foram publicados, eu lecionava no departamento de estudos religiosos em uma faculdade cristã. Então, comecei a pensar: “Quantos cristãos teriam sido influenciados pela atitude que Bloom descreve? Como seria a performance dos meus próprios alunos nos testes de E. D. Hirsch?” Pensava com meus botões: “Como será que eles se sairiam? E por que não fazer um teste desses com eles?” Bom, foi isso que fiz.

Baseei-me num pequeno teste de conhecimentos gerais a respeito de pessoas, lugares e coisas famosas e o apliquei a duas classes de aproximadamente cinquenta alunos de segundo ano. Verifiquei que, apesar de eles apresentarem um resultado melhor do que a maioria da população de estudantes em geral, havia uma grande parte do grupo que não era capaz de identificar — mesmo com uma frase — alguns nomes e eventos importantes. Por exemplo, 49% não foram capazes de identificar Leon Tolstoi, o autor, talvez, do maior romance do mundo, *Guerra e paz*. Para minha surpresa, 16% não sabiam quem era Winston Churchill. Um estudante pensava que ele era um dos pais fundadores dos Estados Unidos! Outro estudante o identificou como um grande pregador reavivalista de poucos séculos atrás! 20% não sabiam o que é o Afeganistão, e 22% não foram capazes de identificar a Nicarágua. 20% não sabiam onde está localizado o rio Amazonas. Imaginem!

Os resultados foram ainda piores quanto a coisas e eventos. Fiquei abismado ao descobrir que 67% não foram capazes de identificar a Batalha de Bulge. Vários a identificaram com um problema que afeta pessoas em dieta. [2] 20% não sabiam o que era a “teoria da relatividade” (observe que era apenas para identificá-la como “uma teoria de Einstein” — não era necessário explicá-la). 40% não foram capazes de identificar a Última Batalha de Custer, que foi classificada como uma batalha na guerra revolucionária ou como uma batalha na guerra civil. Diante de tudo isso, não fiquei surpreso de que 73% não soubessem a que se refere a expressão “destino manifesto”.

Assim, ficou claro para mim que os estudantes cristãos não eram capazes de estar acima da catástrofe de nosso sistema educacional, tanto nos níveis primários como nos secundários. Esse nível de ignorância apresenta uma verdadeira crise para as faculdades e seminários cristãos.

No entanto, um temor ainda mais terrível começou a me assombrar enquanto contemplava essas estatísticas. E pensei: “Se estudantes cristãos são tão ignorantes a respeito dos fatos gerais concernentes à história e à geografia, então, devem ser muito fortes as chances de que eles, e cristãos em geral, sejam igualmente ou ainda mais ignorantes a respeito dos fatos de nossa própria herança e doutrina cristãs”. É indubitável que a nossa cultura mergulhou fundo no analfabetismo bíblico e teológico. Muitas pessoas não sabem sequer dizer quais são os quatro Evangelhos — numa recente pesquisa uma pessoa os identificou como Mateus, Marcos e Lutero! Numa outra pesquisa, Joana D’Arc foi identificada por algumas pessoas como a esposa de Noé! Comecei a suspeitar que, provavelmente, a igreja evangélica também esteja enredada em algum nível mais elevado dessa mesma espiral declinante.

Mas, se nós não preservamos a verdade de nossa própria herança e doutrina cristãs, quem irá fazê-lo por nós? Os que não são cristãos? Dificilmente! Se a igreja não dá valor à própria verdade cristã, então, ela se perderá para sempre. Por isso, pensei sobre como os cristãos se sairiam em um teste sobre os fatos gerais da história e doutrina cristãs.

Como foi? Bom, se a sua condição é a mesma que a dos ouvintes a quem eu tinha aplicado esse teste, provavelmente você não se saiu bem. Se esse é o caso, você poderia ser tentado a assumir uma postura defensiva em relação a esse teste: “Quem realmente precisa saber essas coisas? Eu não estou no programa de tv “Quem quer ser um milionário?”! Essas coisas não são realmente tão importantes. O que realmente importa é andar com Cristo e falar dele para outras pessoas. Quem se importa com essas questões triviais?”

Realmente, espero que essa não seja a sua reação, porque isso impedirá o seu progresso, e mais, esse pequeno exercício não terá sido, de modo algum, proveitoso. Você não terá aprendido nada com ele.

No entanto, há uma segunda reação, mais positiva. Você poderá perceber, talvez pela primeira vez na vida, que você tem uma real necessidade de se tornar intelectualmente engajado como um cristão, e então poderá decidir fazer algo a esse respeito. Essa é uma decisão importante. Você dará um passo que milhões de cristãos no mundo precisam dar. Ninguém fez um desafio tão impactante para os cristãos se tornarem intelectualmente engajados como Charles Malik, ex-embaixador libanês nos Estados Unidos, em seu discurso de dedicação do Billy Graham Center, em Wheaton, Illinois. Malik enfatizou que, como cristãos, estamos diante de duas tarefas na evangelização: salvar a alma e salvar a mente, ou seja, não somente converter as pessoas espiritualmente, mas também convertê-las intelectualmente. E a igreja está perigosamente atrasada com relação a essa segunda tarefa. Nossas igrejas estão cheias de pessoas que são espiritualmente nascidas de novo, mas que ainda pensam como não cristãs. Preste bastante atenção nas palavras de Malik:

Devo ser franco com vocês: o maior perigo que ameaça o cristianismo evangélico norte-americano é o perigo do anti-intelectualismo. A mente, em suas dimensões mais amplas e profundas, não está sendo levada suficientemente a sério. A nutrição intelectual não pode acontecer separadamente de uma profunda imersão, por vários anos, na história do pensamento e do espírito. As pessoas que estão com pressa de sair da universidade e de começar a ganhar dinheiro, ou de servir a igreja, ou de pregar o evangelho, não fazem a menor ideia do imensurável valor de gastar anos de prazer conversando com as maiores mentes e espíritos do passado, amadurecendo, aperfeiçoando e ampliando os seus poderes de pensamento. O resultado é que a arena do pensamento criativo está vazia e plenamente entregue ao inimigo. [3]

Malik continuou:

É necessária outra mentalidade, totalmente diferente, para vencer o grande perigo do anti-intelectualismo. Por exemplo, essa nova mentalidade, no que diz respeito apenas à filosofia — o mais importante campo do pensamento e do intelecto — deve reconhecer o tremendo valor de gastar um ano inteiro não fazendo nada, a não ser, se debruçando intensamente sobre *A República* ou *O Sofista*, de Platão; ou dois anos sobre *Metafísica* ou *Ética*, de Aristóteles; ou três anos sobre *Cidade de Deus*, de Agostinho. Mas, se começarmos um programa de recuperação nesse e em outros campos, precisaremos de um século, pelo menos, para ficarmos atualizados como as universidades de Harvard, Tübinga e Sorbonne — e até lá, você pode imaginar onde essas universidades estarão? [4]

O que Malik claramente viu é a posição estratégica ocupada pela universidade na construção do pensamento e da cultura ocidentais. De fato, a instituição mais importante na construção da sociedade ocidental é a universidade. É na universidade que os nossos futuros líderes políticos, jornalistas, advogados, professores, cientistas, executivos e artistas serão formados. É na universidade que eles formularão ou, mais provavelmente, absorverão a cosmovisão que moldará suas vidas. Uma vez que são os formadores de opinião e os líderes que moldam a nossa cultura, a cosmovisão que eles absorverem na universidade será aquela que moldará a nossa cultura.

Por que isso é importante? Simplesmente porque o evangelho nunca é ouvido no isolamento. Ele será sempre ouvido a partir do pano de fundo do ambiente cultural em que nós vivemos. Uma pessoa criada num ambiente cultural em que o cristianismo é ainda visto como uma opção intelectual viável terá uma abertura para o evangelho que não encontraremos em uma pessoa criada em um ambiente secularizado. Por exemplo, no contexto de uma pessoa criada em um ambiente secularizado, você poderá falar sobre crer em duendes ou em bruxas, ou mesmo em Jesus Cristo. Ela não verá diferença alguma! Ou, oferecendo um exemplo mais realista, acontecerá o mesmo que acontece quando um adepto do Hare Krishna se aproxima de você na rua e o convida a crer em Krishna. Esse convite soará estranho, como algo bizarro, até divertido. Mas para uma pessoa nas ruas de Bombaim, tal convite iria, penso eu, parecer bastante razoável e motivaria a sua reflexão. Temo que os evangélicos se pareçam quase tão estranhos a pessoas nas ruas de Bonn, Estocolmo, ou Toronto, como os devotos de Krishna.

É parte da tarefa mais ampla dos estudiosos cristãos ajudar a criar e manter um ambiente cultural no qual o evangelho possa ser ouvido como uma opção intelectual plausível para homens e mulheres pensantes. Portanto, a igreja tem um papel vital em formar estudiosos cristãos que ajudarão a criar um lugar para ideias cristãs na universidade. O cristão em geral não percebe que há uma guerra intelectual acontecendo nas universidades, nas revistas especializadas e nas sociedades acadêmicas. O cristianismo tem sido taxado de irracional ou obsoleto, e milhões de estudantes — nossa futura geração de líderes — têm absorvido esse ponto de vista.

Essa é uma guerra que não podemos permitir que seja perdida. Às vésperas da controvérsia fundamentalista, o grande teólogo de Princeton, J. Gresham Machen, advertiu que, se a igreja perder a batalha intelectual em uma geração, a evangelização se tornará infinitamente mais difícil na geração seguinte:

Falsas ideias são o maior obstáculo à recepção do evangelho. Podemos pregar com todo o fervor de um reformador e, mesmo assim, sermos bem-sucedidos apenas em ganhar algumas poucas pessoas perdidas por aqui e por ali; e isso só tem acontecido porque permitimos que o pensamento

coletivo da nação, ou do mundo, seja controlado por ideias que, pela força irresistível da lógica, impedem o cristianismo de ser reconhecido como algo mais do que uma mera ilusão inofensiva. Sob tais circunstâncias, o que Deus deseja de nós é que destruamos o obstáculo em sua raiz. [5]

A raiz do obstáculo deve ser encontrada na universidade e é lá que deve ser atacada. Infelizmente, a advertência de Machen não foi ouvida, e o cristianismo bíblico entrincheirou-se no gueto intelectual do fundamentalismo, do qual ele tem apenas recentemente começado a reemergir. A guerra ainda não está perdida, e é uma guerra que não devemos perder: almas de homens e mulheres estão por um fio.

Assim, o que os evangélicos têm feito para vencer essa guerra? De fato, até bem recentemente, Malik foi direto ao ponto, quando perguntou:

Quem, entre os evangélicos, pode se equiparar aos grandes estudiosos naturalistas ou ateus em termos de erudição? Quem, entre os estudiosos evangélicos, é citado como uma fonte normativa pelas grandes autoridades seculares na história, filosofia, psicologia, sociologia, ou política? O modo evangélico de pensar tem alguma chance de se tornar dominante nas grandes universidades da Europa e da América, de modo a marcar toda a nossa civilização com seu espírito e ideias? [...] Com vistas à maior efetividade no testemunho de Jesus Cristo, e também para benefício próprio, os evangélicos não podem se dar ao luxo de viver na periferia da existência intelectual responsável. [6]

Essas palavras doem como uma martelada. Os evangélicos realmente têm vivido na periferia de uma vivência intelectual responsável. Os estudiosos evangélicos mais proeminentes — pelo menos na sua grande maioria — são como grandes peixes em pequenas lagoas. Nossa influência se estende muito pouco além da subcultura evangélica. Tendemos a publicar exclusivamente em editoras evangélicas, e, por consequência, nossos livros provavelmente continuam não sendo lidos por estudiosos não evangélicos. Em vez de participarmos mais das sociedades profissionais em geral, temos participado mais efetivamente das sociedades profissionais evangélicas. Isso mostra o quanto temos colocado nossa luz debaixo de um caixote, e, por isso, temos tido pouco efeito fermentador do evangelho nos diversos campos profissionais não evangélicos. Em contrapartida, para a nossa infelicidade, a tendência intelectual da cultura, como um todo, permanece sem ser desafiada, caminhando cada vez mais fundo no secularismo.

Precisamos desesperadamente de estudiosos cristãos que possam, como Malik disse, fazer frente a pensadores não cristãos nos termos próprios de sua erudição. Isso pode e deve ser feito! Há, por exemplo, uma revolução acontecendo, neste mesmo instante, no campo da filosofia que, como Malik notou, é o domínio mais importante do pensamento e do intelecto, visto que é fundamental para todas as demais disciplinas da universidade. Filósofos cristãos têm saído de seus guetos e defendido a verdade da cosmovisão cristã com argumentos filosoficamente sofisticados, nas melhores revistas seculares e sociedades profissionais. Como resultado disso, a face da filosofia americana tem mudado.

Há cinquenta anos, os filósofos em geral consideravam qualquer discurso a respeito de Deus como literalmente sem sentido, como mero palavreado, mas, hoje em dia, nenhum filósofo bem informado pode assumir tal ponto de vista. De fato, muitos dos melhores filósofos americanos, na atualidade, são cristãos declarados. Para que você possa experimentar um pequeno aperitivo do impacto dessa revolução, desejo citar uma larga porção de um artigo que foi publicado no outono de 2001, na revista *Philo*, lamentando o que o autor chamava de “a dessecularização da academia que se desenvolveu nos departamentos de filosofia desde os anos sessenta”. O autor, um proeminente filósofo ateu, escreve:

Na segunda metade do século vinte, as universidades [...] têm se tornado predominantemente secularizadas. A posição [...] padrão em cada campo [...] assumia ou envolvia argumentos de uma cosmovisão naturalista. [...] Filósofos analíticos [...] tratavam o teísmo como uma cosmovisão antirrealista ou não cognitivista, requerendo a realidade, não de uma divindade, mas meramente de expressões emotivas ou certas de “formas de vida” [...].

Isso não quer dizer que nenhum dos estudiosos, nos vários campos acadêmicos, fosse teísta realista em suas “vidas privadas”; mas teístas realistas, na maioria, excluía seu teísmo de suas publicações e ensino, em grande medida porque o teísmo [...] era considerado como possuindo pouco valor epistêmico, incapaz de atender aos requisitos de uma posição “academicamente responsável”. A secularização da academia começou a se diluir rapidamente após a publicação do influente livro de Plantinga, *God and Other Minds* [Deus e outras mentes], em 1967. [...] Esse livro, seguido sete anos depois pelo livro ainda mais impressionante de Plantinga, *The Nature of Necessity* [A natureza da necessidade], tornou claro que um teísta realista havia escrito no nível mais alto de qualidade da filosofia analítica, no mesmo campo de jogo de pessoas como Carnap, Russell, Moore, Grünbaum e outros naturalistas [...].

Os naturalistas observaram passivamente como versões realistas de teísmo, influenciadas principalmente pelos escritos de Plantinga, começaram a se espalhar pela comunidade filosófica, de modo que, hoje em dia, quase um quarto ou um terço dos professores de filosofia é teísta, a maioria ainda composta de cristãos ortodoxos.

[...] em filosofia, argumentar a favor do teísmo tornou-se, quase que na calada da noite, “academicamente respeitável”, tornando a filosofia um lugar favorável para a entrada, no mundo acadêmico, dos mais inteligentes e talentosos teístas da atualidade [...].

Deus não está “morto” na academia; ele voltou à vida no final dos anos 60 e continua vivo e bem em sua última fortaleza acadêmica: os departamentos de filosofia. [7]

Esse é o testemunho de um proeminente filósofo ateu sobre a mudança que ocorreu, diante de seus olhos, na filosofia americana. Penso que ele está, provavelmente, exagerando quando estima que de um quarto a um terço dos filósofos americanos seja teísta, mas o que suas estimativas revelam é o *impacto percebido* do surgimento de filósofos cristãos nesse campo. Como o exército de Gideão, uma minoria comprometida de ativistas pode provocar um impacto proporcionalmente muito superior aos seus números. O erro principal que esse filósofo comete é o de chamar os departamentos de filosofia de “última fortaleza” de Deus na universidade. Pelo contrário, os departamentos de filosofia são apenas uma espécie de *ponta de lança*, a partir da qual operações podem ser executadas para impactar outras disciplinas na universidade, para a glória de Cristo.

O ponto é que a tarefa de dessecularização não é algo irremediável ou impossível, nem necessita, como se poderia imaginar, de mudanças significativas para ser realizada. É esse tipo de erudição cristã que representa a melhor esperança de transformação da cultura, que Malik e Machen tinham em mente. Seu verdadeiro impacto a favor da causa de Cristo somente será sentido na próxima geração, à medida que se infiltrar na cultura popular.

Assim, ela pode ser realizada! O que é triste, porém, é quão pouco apoio a igreja evangélica provê a seus pensadores, de quem ela desesperadamente tem necessidade. É irônico o fato de um estudante evangélico

só ter alguma atenção da comunidade cristã após ter alcançado seu doutorado. Depois que ele obtém o seu Ph.D., recebe todo tipo de convites para palestras, e pessoas pedem que autografe seus livros — mas, quando lutava para alcançar seu título, era praticamente ignorado pela comunidade evangélica, ou até mesmo ridicularizado como um “eterno estudante”. Muitos dos homens e mulheres jovens que serão relevantes — se de fato a comunidade evangélica quiser recuperar a respeitabilidade intelectual — vivem com orçamentos apertados, ou até mesmo ficam endividados durante os anos de seu treinamento acadêmico, abandonados e esquecidos, trabalhando sob forte estresse e ansiedade, vislumbrando um futuro ainda incerto.

Considero um tremendo privilégio dedicar uma parcela das doações de nossa família para o trabalho do Senhor, a favor de alguns desses jovens estudiosos a quem conhecemos pessoalmente e que serão nossos líderes cristãos do futuro. Recomendo fortemente às igrejas que aloquem uma quantia em seus orçamentos para o sustento de estudantes de sua congregação, especialmente os que estão em seminários ou em programas de doutorado. Candidatos a tal sustento deveriam ser entrevistados de forma semelhante à de candidatos a missionários e avaliados em termos de suas vidas espirituais pessoais, habilidades acadêmicas, e seu potencial para o futuro — pois o trabalho que assumirão é parte integrante da ação evangelística da igreja, tanto quanto o trabalho de missionários. A igreja não pode, em sã consciência, continuar ignorando tais pessoas.

Como é chocante saber que o anti-intelectualismo de que Malik falou se solidificou também em nossas instituições evangélicas de ensino superior. A erudição séria frequentemente é depreciada e obstruída, uma vez que professores são sobrecarregados com cargas elevadas de ensino, participação em comitês e outras funções administrativas que consomem tempo em demasia.

A erudição parece estar quase em último lugar na lista de prioridades. Minha própria experiência, como professor de tempo integral em um seminário, deixou claro para mim que, embora houvesse um forte compromisso da administração com a formação de pastores, havia pouca ênfase na produção de eruditos de primeira linha. As formas evangélicas de pensamento e de produção teológica jamais assumirão uma posição de liderança no mundo enquanto reinar a mentalidade de escola bíblica.